

**Tradução de *Was darf die Satire?*, de Kurt Tucholsky**

Dionelle Araújo  
mestranda/ Universidade Federal Fluminense (UFF)  
dionellearaujo@id.uff.br

**RESUMO:** Esta proposta tradutória tem como intuito apresentar uma tradução - do idioma original em alemão para o português brasileiro - para o texto intitulado *Was darf die Satire?* O texto original foi publicado em 27 de janeiro de 1919 no jornal alemão *Berliner Tageblatt* (que esteve em atividade de 01 de janeiro de 1872 a 31 de janeiro de 1939), um dos mais influentes de sua época. A autoria é do jornalista, ensaísta, satirista, poeta e crítico Kurt Tucholsky (1890-1935), que se tornou renomado por conta de suas sátiras, e que também assinava os seus trabalhos sob os pseudônimos Peter Panter, Theobald Tiger, Ignaz Wrobel e Kaspar Hauser. Em *Was darf die Satire?*, assinado por Ignaz Wrobel, Tucholsky tem como tema justamente a sátira e os seus limites e responsabilidades. Em sua opinião, a sátira tudo pode.

**Palavras-chave:** tradução; sátira; Kurt Tucholsky.

**Translation of Kurt Tucholsky's *Was darf die Satire?***

**ABSTRACT:** This translation proposal aims to present a translation - from its original language - German - to Brazilian Portuguese - of the text entitled *Was darf die Satire?* The original text was published on January 27<sup>th</sup>, 1919, in the German newspaper *Berliner Tageblatt* (which ran from January 1<sup>st</sup>, 1872, to January 31<sup>st</sup>, 1939), one of the most influential of its time. Written by journalist, satirist, poet, and critic Kurt Tucholsky (1890-1935), who became renowned due to his satires, and who also wrote under the pseudonyms Peter Panter, Theobald Tiger, Ignaz Wrobel, and Kaspar Hauser. In *Was darf die Satire?*, signed by Ignaz Wrobel, Tucholsky, discusses satire and its limits and responsibilities. According to him, satire can do anything.

**Keywords:** translation; satire; Kurt Tucholsky.

## Breve introdução

O jornalista, ensaísta, satirista, poeta e crítico berlinense Kurt Tucholsky (1890-1935) despertou a atenção do público com uma narrativa de teor erótico e lúdico intitulada *Rheinsberg: Ein Bilderbuch für Verliebte*<sup>1</sup> (1912). No entanto, obteve renome através de outras publicações. Além dos textos satíricos, os quais manifestavam críticas às questões sociais, políticas e culturais alemãs, escreveu também crônicas, poemas, contos, resenhas, peças de teatro, músicas de cabaré, entre outros, totalizando, como destaca Linder (2011, p. 45), “mais de 3,000 publicações sob uma variedade de pseudônimos.”<sup>2</sup>

Tucholsky destinava cada pseudônimo para distintos estilos e temas das suas composições. Para os ensaios e comentários voltados para as obras literárias, artísticas, em que o seu pensamento é desenvolvido de forma mais reflexiva e analítica, Tucholsky assinava como Peter Panter. Para uma escrita com um tom mais ácido, provocativo, composto por críticas sociais, o nome usado era Theobald Tiger. Para as escritas satíricas e humorísticas e os comentários de cunho social e político, que focalizavam não só os políticos, como também os burocratas e a burguesa, a autoria recaía sob o nome Ignaz Wrobel; e, por fim, para os trabalhos de ficção, que abordam a alienação, a identidade e a condição humana, Kaspar Hauser.

Em muitos de seus textos, Tucholsky utilizou a ironia e o humor para tecer críticas ao militarismo, ao nacionalismo e ao autoritarismo de sua época: o século XX. Devido a “amplitude de seu alcance literário e social, fato que propicia ao escritor repercussões positivas e negativas” (ROSZIK, 2007, p. 51), Tucholsky foi alvo da perseguição nazista, uma vez que as suas críticas representavam uma afronta à ideologia do nacional-socialismo. Fato esse que resulta, em 1933, na queima dos seus livros, assim como de outros escritores, e na perda da sua cidadania alemã. Por consequência, teve que sair da Alemanha. Exilado na Suécia, Tucholsky morre em dezembro de 1935, em virtude de uma overdose por medicamentos, sendo essa a declaração oficial como a causa da sua morte.

Para a presente proposta de tradução, a escolha é pelo texto intitulado *Was darf die Satire?*<sup>3</sup> – publicado em 27 de janeiro de 1919 no *Berliner Tageblatt*<sup>4</sup> – e assinado por Ignaz Wrobel. Nele, conforme salienta Roszik (2007, p. 39), Wrobel escreve “amparado em reflexões baseadas nos aspectos positivos e negativos da

<sup>1</sup> O livro conta com tradução de Lilian Souza Dunley para a língua portuguesa sob o título de “Rheinsberg: Impressões para os apaixonados” (TUCHOLSKY, 2022).

<sup>2</sup> Tradução minha para: “Tucholsky published over 3,000 works under a variety of pen names”.

<sup>3</sup> O texto original está disponível no site do *Projekt Gutenberg-DE* (TUCHOLSKY, 1919).

<sup>4</sup> *Berliner Tageblatt* foi um jornal liberal berlinense que se transformou em um dos maiores e mais influentes de sua época. Esteve em atividade de janeiro de 1872 a janeiro de 1939.

sátira: positiva quando instrumento de crítica social e negativa apenas para a vítima de seu ataque.”

## 1. Tradução<sup>5</sup>

### *O que pode a sátira?*

Sra. Vockerat: Porém, tem-se que poder sim desfrutar da arte.

Johannes: Da arte pode-se muito mais do que desfrutar.<sup>6</sup>

Gerhart Hauptmann

Quando um de nós faz uma boa piada sobre política, então metade da Alemanha se senta no sofá e se irrita.

A sátira parece algo totalmente negativo. Ela diz: “não!”. Uma sátira que incita a um aumento na dívida de guerra não é uma sátira. A sátira morde, ri, assobia e faz rufar o grande e colorido tambor militar contra tudo o que está estagnado e moroso.

A sátira é algo totalmente positivo. Em parte alguma o mau-caráter se trai mais rápido do que aqui, em parte alguma fica mais evidente o que é um bobo da corte inescrupuloso; alguém que hoje ataca um e amanhã ataca outro.

O satirista é um idealista magoado: ele quer que o mundo seja um lugar bom, mas o mundo é mau, e agora ele luta contra o mal.

A sátira de um artista íntegro, que luta pelo bem, não merece esse desrespeito burguês e o resmungo indignado, com o qual essa arte é desconsiderada neste país.

Acima de tudo o alemão comete um erro: ele confunde o representado com o representante. Se eu quiser apontar as consequências do alcoolismo, quer dizer, a luta contra esse vício, então não posso fazer isso com piedosos versículos da Bíblia, mas de forma mais eficaz através de uma representação convincente de um homem que está completamente embriagado. Eu levanto a cortina que indulgentemente cobriu a podridão e digo: “Vejam!”. Na Alemanha, algo assim se chama “grosseria”. Porém, o alcoolismo é uma coisa ruim, ele prejudica as pessoas, e somente a verdade nua e crua pode ajudar. E assim foi naquela época com a miséria do tecelão, e ainda hoje é assim com a prostituição.

---

<sup>5</sup> Ressalto que todas as notas de rodapé apostas à tradução são de autoria da tradutora.

<sup>6</sup> Epígrafe referente ao segundo ato da obra teatral *Einsame Menschen* (“Pessoas solitárias”), de autoria do romancista e dramaturgo alemão Gerhart Johann Robert Hauptmann, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1912.

A influência do pensamento provinciano manteve a sátira alemã em seus limites tão escassos. Grandes assuntos são quase totalmente excluídos. Naquela época, somente a *Simplicissimus*<sup>7</sup> se atreveu a mexer com todos os santuários alemães, quando ainda estampava devidamente o grande buldogue vermelho no brasão: o sargento espancador, os burocratas mofados, a palmatória do professor e a prostituta, o empresário de coração empedernido e o oficial fanhoso. Agora, é claro, pode-se pensar em todos esses assuntos como se quiser, e todo mundo é livre para considerar um ataque como injusto e outro como excessivo, mas o direito de um homem honesto a açoitar a sua época não pode ser arruinado com palavras ríspidas.

A sátira exagera? A sátira tem de exagerar, e em sua natureza mais profunda ela é injusta. Ela infla a verdade, para torná-la mais nítida, e não pode funcionar de nenhum outro modo senão conforme a passagem bíblica: “Os justos padecem com os injustos.”

No entanto, agora está profundamente enraizado no alemão o desagradável hábito de não pensar nem representar algo na forma de indivíduos, mas de classes e corporações, e coitado de você se ofender uma delas. Por que as nossas revistas humorísticas, as nossas *Lustspiele*<sup>8</sup>, as comédias e os nossos filmes são tão pobres? Porque ninguém se atreve a enfrentar o opulento monstro marinho que oprime e devasta o país todo: gordo, preguiçoso e fatal.

A sátira alemã sequer desafiou o inimigo do país. Não devíamos, é claro, entre as caricaturas de guerra francesas, imitar as cruéis, mas que força havia nelas, que fúria elementar, que acerto e que efeito! Sem dúvida: elas não deixavam passar nada. Em comparação, tínhamos penduradas as nossas modestas planilhas sobre números de submarinos; elas não faziam mal a ninguém e não eram lidas por quem quer que fosse.

Não devíamos ser tão mesquinhos. Todos nós – professores de escola primária e comerciantes e professores universitários e redatores e músicos e médicos e funcionários públicos e mulheres e representantes do povo – todos nós temos imperfeições e idiossincrasias, nossas pequenas e grandes fraquezas. E nem sempre temos de nos revoltar (“Mestres carniceiros, defendam os seus bens mais sagrados!”<sup>9</sup>), quando vez ou outra alguém realmente faz uma boa piada sobre nós. Ela pode ser maliciosa, mas deve ser honesta. Não há homem verdadeiro nem classe verdadeira que não possa aguentar um bom soco. Ele

<sup>7</sup> Revista satírica alemã que esteve em atuação de 1896 a 1944, e, depois, de 1954 a 1967.

<sup>8</sup> *Lustspiel* e *Komödie* significam “comédia”. A diferença é que *Lustspiel* designa um tipo específico de comédia originária da Alemanha. Trata-se de um gênero de peças cômicas da literatura e do teatro alemães. Já *Komödie* é um termo mais amplo voltado para a comédia em geral, abrangendo tanto peças teatrais quanto outros tipos de entretenimento cômico, como filmes e programas de televisão.

<sup>9</sup> Paródia do título de um quadro do pintor alemão Hermann Joseph Wilhelm Knackfuß (1848-1915): “*Völker Europas, wahrt eure heiligsten Güter*” [“Povos da Europa, defendei vossos bens mais sagrados”].

pode se defender com os mesmos recursos, pode revidar – mas não virar a cabeça magoado, indignado, ofendido. Um vento mais puro arejaria a nossa vida pública, se nem todos levassem tudo a ferro e fogo.

Todavia, a arrogância corporativa cresce até a megalomania. O satirista alemão pisa sobre ovos em meio a categorias profissionais, classes, confissões e instituições locais. Isso é certamente bastante gracioso, mas, com o tempo, vai ficando cansativo. A sátira autêntica é purificadora do sangue: e quem tem sangue saudável, tem também um temperamento puro.

O que pode a sátira?

Tudo.

## REFERÊNCIAS

LINDER, Birgit. Multiple Pseudonymities: The Affinity by Choice between Kurt Tucholsky and Kaspar Hauser. **German Studies Review**. Maryland, v. 34, no. 1, 2011, p. 45–68.

ROSZIK, Anderson Augusto. **A crítica política e literária de Kurt Tucholsky e o início da República de Weimar (1919-1924)**. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de pós-graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2007.

56

TUCHOLSKY, Kurt. Was darf die Satire?. 1919. **Projekt Gutenberg-DE**. Disponível em: <https://www.projekt-gutenberg.org/tucholsk/16satire/chap012.html>. Acesso em: 29 mar. 2023.

TUCHOLSKY, Kurt. **Rheinsberg**: Impressões para os apaixonados. Tradução de Lilian Souza Dunley. Bremen: DNLY, 2022.

Data de envio: 24/07/2023

Data de aprovação: 22/11/2023

Data de publicação: 15/12/2023